

MORFOSSINTAXE

O COMPORTAMENTO DOS VERBOS MODAIS NO ÂMBITO DO *IRREALIS*

Leila Maria Tesch (UFRJ)
leilatesch@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Este estudo analisa a variação entre as formas futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo, sintéticas (amaria e amava, respectivamente) e perifrásticas (iria amar e ia amar, respectivamente), em verbos modais, na expressão de informação no âmbito do *irrealis*, concentrando seu foco numa região ainda não pesquisada – a cidade de Vitória. Toma por base a Teoria Sociolinguística Variacionista e investiga, portanto, os contextos linguísticos e sociais correlacionados à variação.

O *corpus* aqui utilizado pertence ao projeto “O português falado na cidade de Vitória”, que se constitui de entrevistas com 46 informantes nativos da capital do Espírito Santo, Vitória, coletadas entre 2001 e 2002. Os falantes estão estratificados de acordo com a idade, sexo e escolaridade do entrevistado, Yacovenco (2002).

Os verbos modais foram analisados separadamente das demais ocorrências que expressam *irrealis*. Há a hipótese que essas formas apresentem características peculiares em relação aos demais dados, tendo uma influência específica na escolha das variantes estudadas.

Os verbos auxiliares foram relacionados à modalidade por Palmer (1986, p. 33), como verbos especiais. No inglês, assim como no alemão, vários verbos modais podem ser usados para expressar as modalidades epistêmica e deôntica. Segundo Givón (1995, p. 115), o tempo verbal e os verbos modais são dois exemplos de contextos gramaticais que expressam o *irrealis*.

Em relação ao uso das variantes aqui pesquisadas em verbos modais, é preciso considerar a natureza semântica desses verbos. Essas formas verbais em variação servem para expressar o *irrealis*. A partir disso, uma questão surge: as formas futuro do pretérito e preté-

rito imperfeito do indicativo, sintéticas e perifrásticas teriam comportamento distinto nos verbos modais?

Segundo Givón (1995, p. 115), o *irrealis* pode ser expresso pelo tempo verbal e por auxiliares modais. Assim, os modais já instauram por si só a noção de irrealidade, o que implicaria uma redundância conjugá-los no futuro do pretérito, tempo verbal por excelência denotador da idéia de irreal.

Costa (1997), ao analisar a variação no âmbito do *irrealis* no português informal do Rio de Janeiro, constatou que as formas variantes apresentam características peculiares nesses verbos. A autora pôde perceber que as construções perifrásticas com IA e IRIA são inibidas em bases verbais modais, pois esses verbos já carregam alguma semântica de modalidade, evitando-se a redundância. Sua análise mostra que o pretérito imperfeito do indicativo é mais freqüente em verbos modais (60% das ocorrências), principalmente se o verbo apresenta valor epistêmico (eventualidade, probabilidade, possibilidade). O futuro do pretérito relaciona-se mais como expressão morfológica do valor deôntico. Além disso, pode ser considerado redundante na expressão do *irrealis*. Espera-se verificar semelhante comportamento nos dados do *corpus* aqui analisado.

Tomando por base os dados pesquisados neste trabalho, percebe-se que a distribuição das formas variantes parece não se dar da mesma maneira em verbos modais e não-modais. Observe-se o exemplo a seguir, com um verbo modal mais infinitivo e outros não-modais:

01) [tema: qualificação dos professores] porque nós não prestigiamos determinadas pessoas... então por exemplo... um cara que é um:: um exceLENte pedreiro... técnico de segundo grau que eu falei... ele *deveria dar* aula no ensino técnico... ele *ia pegar* e *faZER*... é completamente diferente (cel. 43, p. 23, lin. 23)

A presença do auxiliar modal ‘dever’ acrescenta uma idéia distinta ao verbo ‘dar’. ‘Deveria dar’ instaura uma informação de ‘obrigação’ ou ‘necessidade’, pois esse profissional seria mais competente para dar aula. O uso de ‘ia pegar’ traz uma informação um pouco mais categórica sobre o que fazer.

O verbo modal ‘dever’ apresenta uma plurivocidade semântica, atualizada por diferentes relações contextuais, além de alternar

MORFOSSINTAXE

com a locução ‘ter que/ ter de’. De acordo com Costa (1995: 56), o modal ‘dever’ “é responsável pela expressão dos valores modais de obrigação e necessidade, no seu uso radical, e do valor modal probabilidade, no seu uso epistêmico”³².

Em relação à multiplicidade de valores modais desse verbo, no português, a autora identifica cinco principais - necessidade, obrigação, conveniência, probabilidade e suposição - sendo os três primeiros caracterizados por um uso radical e os dois últimos, epistêmico.

Assim como ‘dever’, o modal ‘poder’ também apresenta plurivocidade semântica, como:

Capacidade, permissão, possibilidade e eventualidade – considerando os dois primeiros como usos mais lexicalizados, o terceiro como um uso mais gramaticalizado, com algum esvaziamento semântico e funcionando basicamente como auxiliar modal, e o quarto como um uso mais discursivo, funcionando como um advérbio epistêmico de possibilidade, com um grau ainda maior de esvaziamento semântico funcionando em estruturas a caminho da cristalização, tipo ‘pode ser’. Costa (1995, p. 87)

Assim, os modais ‘dever’ e ‘poder’ apresentam as duas possibilidades semânticas: deôntica (permissão, capacidade) e epistêmica (eventualidade, possibilidade).

02) foi péssimo ... que a gente não *podia falar* nada ... falou “você não têm o direito de falar nada” ... a gente ficava quietinho tinha nem como defender ou falava que era verdade ou falava que era mentira ... foi péssimo ... foi péssimo. (célula 11, p. 02. lin. 15)

03) ninguém/ ninguém tá sabendo porque o Felipão quer sair da/ da seleção entendeu?... parece que é por causa do/ do salário agora que: quer férias e o salário do/ do técnico da seleção não vai ser como era né?... alto... entendeu?... *podia ser* assim razoável... (célula 04, p. 12, lin. 30)

No exemplo (02), a ocorrência ‘podia’ apresenta valor deôntico: permissão para falar enquanto os pais analisavam a situação. Já

³² A autora adota uma distinção entre uso radical e uso epistêmico, que corresponde a diferenças entre modalidade interna x modalidade externa; modalização do predicado x modalização do enunciado; operação predicativa x operação enunciativa; modalidade atuando sobre o predicado x modalidade atuando sobre o enunciado.

em (03), o valor de ‘podia’ é epistêmico: possibilidade do salário do técnico da seleção brasileira ser razoável – um pouco mais alto.

A partir dos exemplos supracitados, é possível perceber que a ambigüidade é desfeita por meio do contexto, em razão de se estar trabalhando com uma amostra de língua em uso.

04) aí não consegue dormir quando chega à noite ... ela fica canSA-da ... aí eu acho que ela deveria descansar mais (célula 12, p. 09, lin.04)

Nesse exemplo, o modal ‘dever’ apresenta uma interpretação de valor epistêmico de possibilidade ou valor deôntico de obrigação. A ambigüidade é desfeita ao se analisar o contexto em que se deu o enunciado, tendo em vista que o informante afirma que o pai dele consegue dormir durante o dia, enquanto a mãe não consegue, pois fica sempre fazendo alguma coisa, como arrumar a casa, por isso “deveria descansar” é interpretado como possibilidade.

Além dos verbos modais ‘poder’ e ‘dever’, acima comentados, também se analisam nesta pesquisa outros: ‘ter de’/ ‘ter que’; ‘querer’; ‘tentar’; ‘preferir’; ‘pretender’ e ‘precisar’.

Este trabalho, a partir das constatações de Costa (1997), pretende verificar à parte o comportamento dos verbos modais nas formas variantes estudadas, esperando encontrar resultados semelhantes aos apresentados pela autora.

ANÁLISE

Nesta seção são apontados os resultados referentes à amostra verbos modais. Os dados foram submetidos ao programa estatístico *Goldvarb 2001*. São descritos os grupos de fatores que se mostraram relevantes para a escolha das formas variantes futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo, sintéticas e perifrásticas³³.

Foram constatadas 362 ocorrências de verbos modais nas formas variantes estudadas. O PI apresentou-se como mais freqüente entre as variantes, com 253 ocorrências – 69% - seguido do FP, 102 dados – 28% - e somente 07 ocorrências com a perífrase IA – 1%.

³³ Doravante FP, PI, IRIA + V e IA + V, respectivamente.

MORFOSSINTAXE

Vale ressaltar que não foi encontrado nenhum verbo modal antecedido de IRIA. Observe a distribuição dos resultados:

PI	FP	IA + V	IRIA + V
253	102	07	-
69%	28%	01%	-

Tabela 01: Distribuição dos verbos modais entre as formas FP, PI, IA + V e IRIA + V

Na tabela acima, é perceptível que os verbos modais funcionam como inibidores das formas perifrásticas. Além disso, a preferência por PI também está bastante clara (69%). Esses resultados confirmam que o modal já marca a modalização, no âmbito do *irrealis*, conforme assinalou Givón (1995, p. 115). Portanto, o uso dele no FP e ao lado das formas perifrásticas IA e IRIA representaria uma redundância, por isso a maior frequência do PI nos verbos modais.

Os resultados aqui apresentados não diferem muito dos encontrados por Costa (1997, p. 169). Semelhantemente aos resultados deste trabalho, a autora não encontrou formas de IRIA + V nas amostras PEUL e Cartas, por ela analisados, em verbos modais. Os demais resultados condizem com esses que foram demonstrados na tabela (01). Observe a comparação dos resultados:

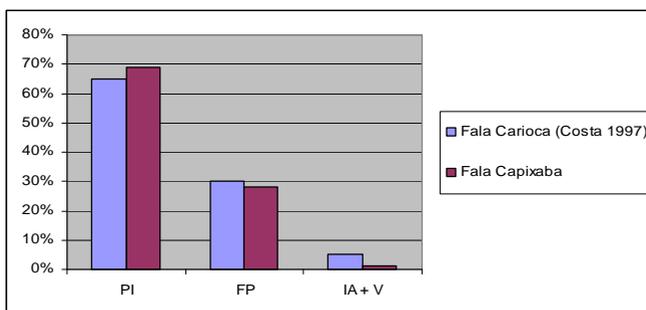


Gráfico 01: Distribuição dos verbos modais entre as variantes PI, FP e IA + V.

A partir do gráfico, pode-se constatar a semelhança da distribuição das formas variantes de *irrealis* nos resultados dos dois trabalhos, em relação às amostras de língua falada. O uso do PI foi mais freqüente que as demais formas em ambas pesquisas, seguido de FP que também apresentou comportamento semelhante. Além disso, as

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

construções perifrásticas seguiram a mesma tendência, apresentando poucos dados de IA + V e nenhuma ocorrência de IRIA + V.

Observe, pois, a distribuição dos verbos modais, no banco de dados aqui analisado, entre as formas variantes PI, FP e IA + V:

ITEM LEXICAL	PI	FP	IA + V	TOTAL
Poder	98 - (68%)	44 - (30%)	1 - (0%)	143 - (40%)
Dever	39 - (54%)	32 - (45%)	-	71 - (20%)
Ter de (que)	58 - (72%)	20 - (25%)	02 - (02%)	80 - (22%)
Querer	50 - (94%)	-	3 - (05%)	53 - (14%)
Outros³⁴	08 - (53%)	06 - (40%)	01 - (06%)	15 - (04%)

Tabela 02: Influência do ITEM LEXICAL na escolha das variantes

Conforme mencionado anteriormente, foram considerados como verbos modais os itens: ‘poder’, ‘dever’, ‘ter de/ ‘ter que’, ‘querer’, ‘preferir’, ‘precisar’, ‘saber’ e ‘tentar’, sendo que os quatro últimos foram amalgamados, por apresentarem baixo número de ocorrências.

O verbo modal mais freqüente foi ‘poder’, 40% das ocorrências, seguido de ‘ter de/ ‘ter que’, 22%, e ‘dever’, 20%. O verbo ‘querer’ apresentou uso quase categórico em PI - a forma ‘quereria’ não foi constatada e a perífrase IA + V, embora pouco utilizada, teve sua maior freqüência com esse verbo.

No caso dos modais, parece que em certos contextos a variação no âmbito do *irrealis* permite apenas a alternância entre FP e PI, não havendo possibilidade de ocorrências em perífrases. A seguir, um exemplo do *corpus* analisado.

05) [tema: existência de planos de saúde] *deveria existir* um/ um governo mais sério pra acabar com isso pra dar prioridade pra todo país pra todas as pessoas serem atendidas pelo próprio SUS (cel. 18, p. 13, lin. 30)

A forma ‘deveria existir’ pode ser substituída por ‘devia existir’, sem acarretar mudanças semânticas significativas. Contudo, não é possível alternar esse uso com ‘ia dever existir’ ou ‘iria dever existir’. O verbo modal ‘dever’, geralmente, não permite a alternância com as construções perifrásticas. Além disso, conforme mencionado

³⁴ Preferir, precisar, saber e tentar.

MORFOSSINTAXE

na tabela seguinte, não foram constatadas as variantes perifrásticas ao lado do modal ‘dever’.

Tendo em vista a baixa incidência, acima exposta, as formas perifrásticas não foram consideradas ao se utilizar o programa *Goldvarb*. Assim, segue-se a discussão dos grupos de fatores lingüísticos e sociais que se revelaram envolvidos com a variação entre FP e PI na amostra de verbos modais.

Em relação aos fatores lingüísticos, foram considerados relevantes para a variação os seguintes grupos: 1) Paralelismo; e 2) Tipo de texto.

O paralelismo foi o primeiro grupo selecionado. O controle deste grupo de fatores visa a identificar a repetição sucessiva das variantes na análise dos dados. Vários estudos como Scherre (1988; 1998), Gryner (1990) e Costa (1997) confirmaram que há uma tendência de marcas levarem a marcas.

No *corpus* aqui analisado, distinguem-se dois tipos de ocorrências adjacentes: no discurso do próprio informante ou em relação ao discurso do entrevistador, sendo esta segunda possibilidade de paralelismo, caracterizada pelo caráter interacional, denominada gatilho (cf. Scherre, 1988, p. 392 e Charlotte Emmerich 1984).

Em relação à pesquisa aqui descrita, acredita-se que o uso do PI levaria, novamente, ao uso de outra forma no imperfeito e, por outro lado, o uso do FP propiciaria a utilização do futuro do pretérito. Assim como construções perifrásticas com IA + V favoreceriam outra com IA + V.

Fatores	Aplic./total	Freq. (%)	Peso relativo
Ocorrência precedida de gatilho em FP	06/22	27%	.12
Ocorrência precedida de gatilho em PI	07/11	63%	.45
Ocorrência isolada	87/117	74%	.47
Primeira ocorrência de uma série	52/66	78%	.56
Ocorrência em cadeia, precedida de FP	15/43	34%	.19
Ocorrência em cadeia, precedida de PI	72/79	91%	.75
Ocorrência em cadeia, precedida de IA + V	14/17	82%	.60

Tabela 03: Influência do grupo de fatores PARALELISMO na escolha de PI nos verbos modais

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A partir da tabela 03, pode-se perceber a influência do paralelismo na escolha da variante PI. Ocorrências em cadeia precedidas de PI são as que mais favorecem a manutenção do mesmo tempo verbal. Assim como as precedidas de IA + V, forma perifrástica do pretérito imperfeito do indicativo (portanto, envolve também o pretérito imperfeito).

Em relação à ocorrência precedida de gatilho em PI não ter se mostrado tão relevante, conforme imaginado anteriormente, talvez possa ser explicado pelo baixo número de dados, apenas 11. Já as ocorrências de FP, em contexto de gatilho ou em cadeia, mostraram-se inibidores do uso de PI. Assim, pode-se confirmar a hipótese de que o uso de PI leva, novamente, ao uso de outra forma no imperfeito, inibindo a utilização do FP.

O segundo grupo selecionado foi o 'tipo de texto'. A partir da identificação de cada trecho da entrevista por um conjunto de traços comuns, formularam-se as hipóteses referentes a esse grupo de fatores. Em geral, a hipótese que norteou a entrada dos tipos textuais como grupo de fatores relaciona-se ao favorecimento do pretérito imperfeito do indicativo em seqüências narrativas e descritivas e a preferência do futuro do pretérito em seqüências argumentativas.

Os fatores deste grupo são: a) Seqüências narrativas/ descritivas; b) Seqüências argumentativas; c) Lista de atitudes hipotéticas³⁵.

Conforme se imaginou, as seqüências narrativas/ descritivas são mais freqüentes, nos verbos modais, em formas de PI, peso relativo de .78 (94% das ocorrências). Por outro lado, as seqüências argumentativas e, principalmente, a lista de atitudes hipotéticas desfavorecem a utilização do PI. Observe tais constatações a partir da tabela a seguir:

³⁵ Conforme anteriormente estabelecido por Costa (1997, p. 147), houve a necessidade de se inserir este fator para análise do *corpus* em questão, uma vez que havia seqüências que não se caracterizavam como narrativas, tampouco eram seqüências argumentativas. Segundo a pesquisadora, "são simplesmente lista de planos que seriam realizados pelo informante sob certas condições ou caso estas condições fossem efetivadas".

MORFOSSINTAXE

Fatores	Aplic./total	Freq. (%)	Peso relativo
Seqüências narrativas/ descritivas	124/131	94%	.78
Seqüências Argumentativas	120/193	62%	.36
Lista de atitudes hipotéticas	09/31	29%	.11

Tabela 04: Influência do grupo de fatores TIPO DE TEXTO na escolha de PI nos verbos modais

Os três fatores sociais – faixa etária, gênero e escolaridade - foram selecionados pelo programa *Goldvarb*, mostrando-se relevantes para a escolha da forma variante nos verbos modais.

O fator faixa etária foi o terceiro grupo selecionado pelo programa. A partir da tabela 05, pode-se constatar a influência desse fator.

Fatores	Aplic./total	Freq. (%)	Peso relativo
07 a 14 anos	18/29	62%	.37
15 a 25 anos	79/131	60%	.32
26 a 49 anos	59/82	71%	.55
50 anos ou mais	97/113	85%	.69

Tabela 05: Influência do grupo de fatores FAIXA ETÁRIA na escolha de PI nos verbos modais

É possível perceber que informantes mais velhos tendem a preferir o PI e os mais jovens tendem a usar menos essa forma em verbos modais. Esse resultado não condiz com a literatura da sociolinguística variacionista, pois se espera que informantes de faixa etária mais jovem prefiram usos da forma não-padrão, mas não se pode classificar o PI como tal, pois é possível encontrá-lo como substituto de FP, em situações coloquiais.

Em relação ao fator gênero/ sexo, as mulheres se mostraram mais propícias à utilização de PI em verbos modais.

Fatores	Aplic./total	Freq. (%)	Peso relativo
Mulher	155/198	78%	.57
Homem	98/157	62%	.40

Tabela 06: Influência do grupo de fatores GÊNERO/ SEXO na escolha de PI nos verbos modais

Segundo a literatura sociolinguística, o sexo influencia a variação. Contudo, nesta pesquisa, as mulheres usaram mais a forma considerada menos prestigiada, o PI, contrariando outras pesquisas sociolinguísticas já realizadas. Acredita-se que essa variável esteja camuflando outros aspectos e complexas interações.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O quinto e último grupo de fator selecionado foi a escolaridade. O PI demonstra ser a forma preferida dos informantes com menor grau de escolaridade. Em termos percentuais, é possível perceber um uso equivalente na escolha do PI nos ensinos fundamental e médio, 75% e 72%, respectivamente.

Fatores	Aplic./total	Freq. (%)	Peso relativo
Ensino fundamental	106/146	72%	.51
Ensino médio	68/90	75%	.62
Ensino superior	79/119	66%	.39

Tabela 07: Influência do grupo de fatores ESCOLARIDADE na escolha de PI na amostra VERBOS MODAIS

A partir da tabela apresentada, é possível verificar que a forma em PI não foi tão favorecida quando os informantes tinham nível superior. Além disso, considerando-se os resultados do peso relativo, parece que o ensino médio funciona como favorecedor do uso de PI, com peso relativo de (.62), seguido de ensino fundamental (.51).

No gráfico a seguir, é possível perceber a relação entre faixa etária dos informantes e nível de escolaridade. A faixa etária de 07 a 14 anos não foi considerada neste gráfico, por só apresentar indivíduos com ensino fundamental.

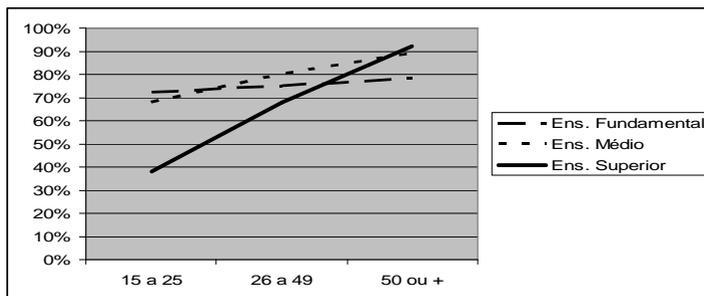


Gráfico 02: Distribuição dos dados relacionando FAIXA ETÁRIA à ESCOLARIDADE na escolha de PI nos verbos modais.

Os entrevistados com ensino fundamental não apresentam um uso muito distinto no decorrer das faixas etárias, demonstrando um comportamento mais regular em relação ao uso de PI, nos verbos modais.

MORFOSSINTAXE

No ensino médio, a linha se eleva um pouco mais acentuadamente. À medida que é aumentada a faixa etária dos informantes, mais freqüente se torna o uso de PI. A inclinação da linha contínua marca a preferência dos informantes do ensino superior pela utilização do PI e o aumento de uso dessa variante se dá proporcionalmente ao aumento da faixa etária dos falantes.

A faixa etária em que o aumento do uso de PI se dá mais acentuadamente é com 50 anos ou mais, nos três níveis de escolaridade. No ensino fundamental, 78% dos dados são de PI, no ensino médio 89%, e no superior 92%. Esse resultado não era esperado, pois segundo a literatura sociolinguística a faixa etária mais velha e com maior nível de escolaridade tende a usar preferencialmente as formas mais prestigiadas, fato não constatado na análise dos verbos modais.

Parece que nessa faixa etária os falantes apresentam um uso linguístico menos cuidadoso, por se inserirem na faixa etária que marca a saída deles do mercado de trabalho.

Os informantes que se mostraram menos tendentes ao uso do PI foram os de ensino superior na faixa etária compreendida entre 15 e 25 anos, com apenas 38% dos dados em PI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa focalizou a variação entre as formas verbais modais de futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo, sintéticas e perifrásticas, na expressão de informação no âmbito do *irrealis*, no português falado na cidade de Vitória, Espírito Santo.

Constatou-se que o pretérito imperfeito do indicativo na forma sintética foi a forma favorecida, 69% das ocorrências, e as formas perifrásticas foram inibidas – 1% dos dados de IA + V e nenhuma ocorrência de IRIA + V foi encontrada.

Vale ressaltar que os grupos de fatores analisados não encerraram as possibilidades de sistematização de uso das variantes. A presente pesquisa não objetiva traçar um perfil definitivo da variável investigada, mas colaborar com a sua descrição no funcionamento da língua portuguesa usada informalmente, em uma área urbana do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Ana Lúcia dos Prazeres. *A variação entre formas de futuro do pretérito e de pretérito imperfeito no português informal no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1997. Dissertação de mestrado em Lingüística.

COSTA, Maria Cristina Rigoni. *Modalidade e gramaticalização: Estratégias discursivas na fala carioca*. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1995. Tese de doutorado em Letras (Letras Vernáculas).

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amerstand/Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

GRYNER, Helena. *A variação de tempo-modo e conexão nas orações condicionais em português*. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1990. Tese de Doutorado em Lingüística.

PALMER, F. R. *Mood and modality*. Cambridge textbooks in Linguistic. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: FL/UFRJ, 1988, inédito.

———. Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português. *Fórum lingüístico*, 1. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Pós-graduação em Lingüística. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1998, p. 45-71.

YACOVENCO, Lilian. O projeto “O português falado na cidade de Vitória”: coleta de dados. In: LINS, Maria da Penha; YACOVENCO, Lilian (orgs.). *Caminhos em lingüística*. Vitória: Nuples, 2002, 102-111.